

TIAGO SANTANA. ENTRE FOTOGRAFIAS, FRAGMENTOS E LIVROS

Tiago Santana é conhecido por suas imagens em preto e branco do Nordeste brasileiro, que trazem um olhar de intimidade com o local e as pessoas. Para o seu primeiro projeto que resultou no livro *Benditos*, de 2001, ele recebeu uma Bolsa Vitae e trouxe um novo ar para a fotografia documental brasileira ao olhar de perto para o nordeste com suas composições dinâmicas e cortes radicais. O tema inicial era bastante conhecido, a romaria em Juazeiro do Norte, no Ceará, porém o assunto foi renovado com enquadramentos que associam fragmentos de corpos e de imagens religiosas reunindo tudo em uma atmosfera intensa e misteriosa. Desde então, ele publicou outros livros com diferentes abordagens para a região, seja trabalhando com a literatura, no livro baseado na obra de Graciliano Ramos, *No Chão de Graciliano* (2007), ou com a música, no livro dedicado a Luiz Gonzaga, *No Céu de Luiz* (2014) – esses dois publicados com textos do jornalista Audálio Dantas. Além de ter recebido diversos prêmios, ele é ainda o segundo fotógrafo brasileiro a entrar na coleção francesa *Photo Poche*, idealizada pelo célebre Robert Delpire, o primeiro editor a reconhecer e publicar, inicialmente na França, o clássico *The Americans*, do Robert Frank. O interesse de Tiago Santana pela fotografia vai além da atuação como fotógrafo; na entrevista ele fala também da sua experiência como fundador da editora Tempo d'Imagem especializada em livros de fotografia.

Tiago Santana comenta o seu percurso, suas influências e seu engajamento com a fotografia que não pode ser separado da relação forte que ele tem com a sua região. Isso pode ser percebido pela maneira como seus enquadramentos associam diversos planos, fragmentos, personagens, plantas, animais e objetos que povoam o agreste nordestino. Com seus cortes radicais e enquadramentos que reúnem diversos planos, suas fotografias nos obrigam a ver tudo como fazendo parte de um mesmo conjunto de elementos tornados mais expressivos pela maneira como são associados entre si ou apenas insinuados como fragmentos incompletos. O fotógrafo também gosta de enquadrar sombras, reflexos e silhuetas que mais sugerem do que mostram a presença das pessoas. Elas estão na maioria das vezes em trânsito, porém muitas têm um olhar fixo, como se toda aquela movimentação em volta levasse a uma espécie de transe. As fotografias dele parecem conduzir a uma outra sintonia com a realidade local onde tudo se mexe, mas há um silêncio eloquente. A entrevista foi realizada em uma visita do fotógrafo à Brasília em que ele ofereceu uma oficina sobre livros de fotografia. Um ensaio fotográfico acompanha essa entrevista. Ele faz parte de uma série de entrevistas com fotógrafos e teóricos com o intuito de refletir sobre a fotografia por meio da palavra e da imagem, a partir da obra dos entrevistados ou de elementos sugeridos pelo pensamento deles, seja um pensar por imagens ou com palavras¹. Além de fotógrafo, Tiago Santana tem um apreço especial por livros de fotografia e usa imagens e livros como uma forma de estabelecer contato com as pessoas. Naquela ocasião, os livros serviram de ponte para falar principalmente das publicações que ele trouxe, mas também dos projetos de cada um ao redor. Uma narrativa com os livros de fotografia dele e os que circulavam entre as pessoas poderá ser vista ao se clicar nos *links* das figuras – elas levam ao ensaio paralelo à entrevista.

¹ Ver entrevista com André Rouillé publicada na revista *Studium* [www.studium.iar.unicamp.br/31/2.html] e com a fotógrafa Melanie Einzig, publicada na revista *Rebeca* [rebeca.socine.org.br/1/article/view/124]. Consultado [11-04-2017].

Susana Dobal

Professora doutora do Departamento de Comunicação da
Universidade de Brasília (UnB, Brasil)

sudobal@gmail.com

Susana Dobal: Como surgiu o interesse pela fotografia na sua vida?

Tiago Santana: Ela vem de várias situações (Imagem 1). Na realidade vem desde o local onde eu nasci. Começa com o fato de meus pais, que eram cearenses mas moraram na Bahia, terem voltado para o Ceará. Foram obrigados a isso porque era a época da ditadura e meu pai foi demitido da Petrobrás. O exílio dele foi no interior do estado, enquanto outros foram para fora do país. Ele teve que se esconder a uns 600 km da capital, na região do Cariri, que acho a síntese do Nordeste, onde fica Juazeiro, Cratos, Barbalha... O fato de eu ter nascido em uma região como essa, em torno de toda aura e mistério que existe por causa da romaria do Padre Cícero e para onde vão pessoas do Nordeste inteiro, um celeiro de cultura popular, uma criança que passou boa parte da sua infância e adolescência em um lugar assim, fica marcado visualmente. Então, isso foi determinante para eu me tornar fotógrafo. O meu pai tinha também uma relação com o audiovisual. Ele sempre teve laboratório improvisado em casa, fez álbuns de família transitou pelo super 8, pelo 16 mm, sempre tinha os projetores, todo um aparato de audiovisual que ele usava no trabalho, na militância e mesmo em casa. Eu terminei também usando esses dispositivos, fiz super 8, que foi uma grande escola para mim antes da fotografia. Quando saí de Juazeiro, fui para a universidade em Fortaleza, estudar Engenharia, ocorreu a Semana Nacional de Fotografia na universidade, que foi outro terceiro fator decisivo. Ali eu vi que a fotografia não era apenas uma coisa isolada, havia todo um movimento em torno dela. Quando eu descobri que havia fotógrafos no Brasil todo discutindo, pensando, refletindo, eu comecei a entender que a fotografia tinha uma importância muito maior na minha vida (Imagem 2).



"A fotografia para mim é um pretexto para ter uma troca com as pessoas e conhecer lugares, através da imagem fotográfica ter uma experiência mais intensa e forte." De onde se deduz uma palavra para começar a definir a fotografia segundo Tiago Santana: intensidade.

SD: O fato de fotografar fez com que você olhasse para essa região de uma maneira diferente?

Tiago Santana: Quando eu resolvi ser fotógrafo eu queria fazer um trabalho sobre aquele lugar. De certa forma, uma das razões também foi a necessidade de contar um pouco da minha história, da minha experiência daquele lugar, tentar interpretar aquilo através de imagens. Não era uma reportagem, até porque Juazeiro, sendo um lugar de romarias populares, é um dos locais mais fotografados do Nordeste. Eu queria fazer uma coisa mais íntima (Imagem 3), a partir da vivência de alguém que conhece bem aquele universo, falar da experiência e da atmosfera daquele lugar.

SD: A sua maneira de fotografar é bem peculiar, usando muitos cortes e associando fragmentos.



"O livro é o resultado de todos os encontros do percurso – editor, designer, curador, outros fotógrafos. Quando estava preparando *Benditos*, todos os que passavam no escritório onde as imagens estavam expostas na parede iam comentando e acrescentando ao projeto – amigos, faxineira, crianças também fizeram parte." De onde se deduz uma segunda palavra para definir a fotografia de acordo com Tiago Santana: comunhão.

Você já começou fotografando assim ou foi descobrindo isso ao longo do seu percurso?

Tiago Santana: Eu sempre falei que tinha que fazer um trabalho em Juazeiro. Acabou durando oito anos desde as primeiras imagens até o final, de 1992 a 2000. Ali se deu todo o meu aprendizado e amadurecimento como fotógrafo. Meu olhar foi se aprimorando com o exercício de narrar essa história e com milhares de referências não só da fotografia, mas também de outras áreas. Não fiz universidade de fotografia, na época nem existia, só algumas cadeiras de fotografia. Meu aprendizado se deu ali no exercício e no compartilhar com outros fotógrafos o que eu fazia. Em um determinado momento, quando resolvi publicar o *Benditos*, o olhar estava amadurecido. Descobri então coisas importantes que eu fazia de maneira inconsciente, como a relação das minhas imagens com os ex-votos, os fragmentos de corpos.



Father Photographer, livro de Henry Frank, foi produzido pelo seu filho, ninguém menos do que o fotógrafo Robert Frank. O pai, fotógrafo amador, fotografou cidades diversas, cenas de família, viagens, paisagens. Tiago Santana comenta: "Se fosse um formato grande, você perderia a intimidade, a delicadeza."

SD: Ou também da sua experiência de Engenheiro, juntando partes...

Tiago Santana: (Risos). Ao ter que falar e pensar sobre o trabalho, a gente acaba aprendendo muito sobre ele. Eu nunca tinha pensado como a Engenharia, a experiência do meu pai como engenheiro, e minha experiência dentro da engenharia, que era Engenharia mecânica, que é uma coisa de juntar partes e fazer mecanismos, tinha uma influência no meu trabalho. Duas coisas da minha infância são interessantes em Juazeiro. Uma é que eu enterrei uma câmera do meu pai (Imagem 4), eu era muito menino, e muito tempo depois ela foi descoberta enterrada, estava acabada. Eu até gostaria de ter essa câmera hoje.



Uma das fotos na abertura do livro de Tiago Santana sobre o Luiz Gonzaga mostra um homem e uma criança. A relação com o pai tocador, afinador e consertador de sanfona é contada no livro por Audálio Dantas, que começa com o menino acompanhando o pai nas apresentações. Também na fala de Tiago Santana o pai aparece com certa frequência. Assim como o local da infância dele revive nas fotos, os laços afetivos são reanimados pelas pessoas enquadradas. A silhueta esconde a identidade e torna pai e filho figuras genéricas desdobráveis logo no início. Eles trazem para o livro vestígios de outros tempos.

SD: E você enterrou por quê?

Tiago Santana: Pode ter sido porque peguei escondido, não me lembro, deveria ter seis ou sete anos. Vendo hoje, pode ter sido uma semente que acabou brotando (Imagem 5). A segunda coisa foi a experiência que tive com os meus pais de me permitirem ousar, experimentar, arriscar e procurar ser feliz. Digo isso porque abandonei a Engenharia, o que não é fácil. Tem também a história da bicicleta. Tinha um seriado, Shazan e Xerife, eles andavam pelo Brasil com uma bicicleta voadora. Cismei que a minha bicicleta ia voar. Convenci o meu pai



Para quem trabalha com imagens, o encontro com o que se apresenta no visor é também o registro de outros ecos.

a entrar na oficina e fazer uma bicicleta com hélices, que obviamente não ia voar. Houve o dia em que eu fiz a tentativa de voar e não voou. Ele poderia ter dito desde o início que não voaria, mas esse exercício foi muito importante para mim como tentativa e risco. Acho que assimilei isso depois na fotografia.

SD: Você comentou na oficina que te agrada os trabalhos da Graciela Iturbide (Imagem 6), da Cristina García Rodero e do Josef Koudelka. O que especialmente te agrada no trabalho deles?

Tiago Santana: Eles são marcantes por várias razões. Primeiro por voltarem o trabalho para o lugar deles, mais especialmente a Graciela e a Cristina, a fotógrafa mais importante do México e a mais importante da Espanha (Imagem 7). É um pouco do que eu faço. Os ritos, os costumes, tem a questão da religiosidade que é também muito forte nesses países, a forma de tratar, o cuidado, a imersão, todos três têm muito isso, uma fotografia que vai além do registro e faz pensar, tem mistério, tem algo intrigante. Eles são referência importante porque a fotografia que eu acredito é essa, a que falta um pedaço, é estranha em determinados momentos, mas que tem cuidado com a estética, que é não só a estética em si, mas a estética que reflete a imersão e a relação do fotógrafo com o seu lugar. A força do trabalho vem justamente dessa imersão profunda.

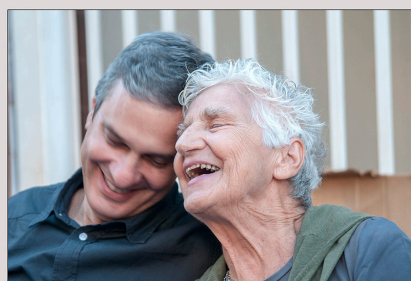
SD: Apesar de Graciela Iturbide, Cristina García Rodero e Josef Koudelka trabalharem com temas parecidos com o seu, nenhum deles fotografa como você. Tem mistério e algo meio fantástico nas fotos deles mesmo sendo documental, mas os enquadramentos partem de elementos inteiros nenhum deles faz cortes radicais ou mistura muitos planos. O que te levou a explorar o corte dos corpos e dos elementos ao redor? O que o corte radical trouxe a mais para o tema que te persegue?

Tiago Santana: A construção da minha linguagem fotográfica foi totalmente influenciada pelo espaço do meu trabalho, ou seja, pelo mistério, pela intensidade desse lugar chamado Juazeiro do Norte. Nesse processo fui me apropriando do lugar e tentando traduzir em imagens aquela minha experiência, que vem desde minha infância. Ao mesmo tempo fui me descobrindo como autor e mergulhando de forma muito profunda naquele universo. Minha fotografia foi amadurecendo nesse período. Oito anos de trabalho, de aprendizado e de crescimento como pessoa e como fotógrafo.

No início achava minha fotografia muito estética, gráfica, fria... talvez pela influência da Arquitetura, pois no período de universidade frequentava mais a Arquitetura do que a Engenharia. Depois passei por um processo de transformação onde procurei encontrar uma



"Vou mostrar um livro de uma fotógrafa que eu amo: Graciela Iturbide."



Para a exposição em Juazeiro, Tiago Santana alugou uma casa e colocou velas e redes junto com as fotos. Uma visitante inusitada apareceu: Cristina García Rodero, a fotógrafa espanhola autora do livro premiado, e felliniano, *Espanha Oculta*, sobre rituais religiosos em festas populares espanholas. Quem aparece aqui com Tiago Santana é a fotógrafa Nair Benedicto. Eles estavam em uma grande mesa de botiquim no meio do rua, em um almoço celebrado com diversos fotógrafos que se divertiam com muita animação. Aparentemente o grupo não estava entre velas e fotos. Mas talvez estivesse.

estética própria, mas sem perder a força e emoção da experiência compartilhada com aqueles “benditos”. Uni estética e emoção. Assim naturalmente surgiram imagens que foram ganhando espaço no projeto e na minha fotografia.

Depois que a exposição e o livro *Benditos* ficaram prontos no ano 2000, participei de uma entrevista onde o jornalista me perguntou de onde vinham esses cortes, esses fragmentos de corpos. Ele me perguntou se vinha dos ex-votos. Naquele momento confesso que fiquei mudo. Somente ali percebi a grande influência desse universo dos ex-votos, tão presente em Juazeiro, na minha fotografia. Os ex-votos são exatamente fragmentos de corpos, que são levados como oferenda, para pedir ou agradecer algum milagre, alguma graça. Lembro que na casa dos meus pais onde morei em Juazeiro do Norte, no hall de entrada tinha uma obra de um artista local toda feita com ex-votos. Era muito impressionante e acompanhou parte da minha infância e adolescência. O jornalista estava completamente certo! Os cortes, mesmo que inconscientemente, vinham dos ex-votos. Foi um momento muito interessante de compreensão melhor do meu trabalho e de como construímos nossas narrativas. Os fragmentos na minha fotografia reforçam o mistério desse lugar, desses *Benditos*...

SD: Qual objetiva você prefere usar?

Tiago Santana: Uma das razões que eu me tornei fotógrafo foi também porque eu era muito tímido quando era adolescente, e a fotografia veio da necessidade de me comunicar mais. Já que com as palavras era mais complexo para mim, eu quis me comunicar com a imagem. Eu sempre utilizei uma grande angular na minha vida, a primeira objetiva que eu comprei foi uma 28mm. Na verdade ela nem é uma grande angular aberrante, mas ela te força a estar perto das pessoas; é uma tentativa também de me forçar a estar junto com o outro (Imagem 8).

SD: Ela está também relacionada ao fato de o seu trabalho associar os personagens ao ambiente e juntar partes diferentes?

Tiago Santana: Claro, além disso, a grande angular permitia, na construção da imagem, ter diversas pequenas imagens dentro da mesma imagem. Você amplia um pouco o espaço visual com diversas cenas, como se eu quisesse alargar o meu olhar nessa tentativa de me aproximar das pessoas (Imagem 9). Mesmo assim, estando perto de alguém e vendo algo que está acontecendo em outro plano. A grande angular permite mais facilmente isso.

SD: Mas ultimamente você tem usado mais uma Leica com uma objetiva fixa, que é uma panorâmica. Como ela foi assimilada no seu trabalho?



O livro de Cristina de Middel, *Party, Quitonasto Form Chanmair Mao Tungest*, foi realizado pela fotógrafa com a bíblia da revolução escrita por Mao Tsé-Tung, acompanhada por fotografias diversas que ela fez na China. Seguindo a lógica da censura, ela apagou trechos do Livro Vermelho de Mao e combinou com suas fotografias para criar uma narrativa que lhe parece mais adaptada à China contemporânea. Aqui a frase destacada foi: "If there is to be revolution, there must be a party."



Quando explica a razão de usar uma única foto em algumas páginas desdobráveis do seu livro *Céu de Luiz*, Tiago Santana abre bem os braços e diz: "Eu queria que o livro fosse aberto e tivesse um desvendado." Fica então por uma fração de segundo imóvel nesse gesto, com um sorriso desvendado. O livro concebido para as suas fotos obriga o leitor a ver um campo maior e ter gestos largos: foi a sua maneira de reforçar a materialidade do livro e a expansão da visão.

Tiago Santana: Ao longo da vida, no processo de construção do trabalho, a gente vai refletindo sobre o que faz e vendo muitas coisas, dá vontade de trabalhar com outras formas de ver, como um quadrado da 6x6. Não é o caso agora da panorâmica que é 6x17; não é uma Leica, é uma Linhof e que usa um negativo. Eu usei uma Leica bastante, que eu tenho ainda, usei no *Benditos*, *No chão de Graciliano*, que é uma câmera pequena, discreta, isso para mim era importante. Principalmente naqueles trabalhos que exigiam uma certa delicadeza no encontro com o outro. Eu sempre fui um fotógrafo que utilizou pouco equipamento, eu tento interferir quanto menos melhor. Eu sou um fotógrafo silencioso. Eu tive um desejo de alargar esse espaço, que é o espaço expandido do sertão. Também por influência do Koudelka, que usa uma objetiva bem parecida. Ele usa panorâmica, mas para fotografar paisagens construídas ou desconstruídas pelo homem no livro, que é como que o ícone dele, que é o Caos (Imagem 10). Eu comecei a experimentar essa câmera para *No chão de Graciliano*. Ela tem várias características importantes, a primeira é a questão do tempo. É como se eu estivesse indo contra a corrente desse nosso tempo, onde tudo é imediato. Você aperta o botão e faz 100, 200 mil fotos. Nessa câmera eu ponho um filme e faço quatro fotos. Tem um tempo muito diferente de operar. O filme também tem uma imagem que vai ficar latente, então ainda tem o tempo de revelação, tem a surpresa do não visto, do não revelado imediatamente, que também me interessa como processo. Em terceiro lugar, tem ainda a própria materialidade do negativo. Eu confesso que todos os meus trabalhos feitos até hoje são com o negativo. O digital para mim é como se estivesse faltando algo. Nesse sentido, especialmente o 6x17, ele por si só já é um resultado, é quase que a obra. Eu penso até em trabalhos futuros usar o negativo como parte da exposição ou da obra em si.



Tiago Santana contou que foi convidado para jantar com o célebre editor Robert Delpire e ficou pensando que naquela mesma mesa tinham passado tantos outros fotógrafos. Delpire falou que ia convidar Koudelka, mas desistiu porque ele dominaria a conversa. Era difícil imaginar que o autor do ensaio sobre os ciganos, sobre a Primavera de Praga, o fotógrafo de tantas imagens sombrias e misteriosas, fosse um sujeito que ocupasse espaço na roda. Aquela quebra de expectativas confirmava que a fotografia cria uma silenciosa cumplicidade com fotógrafos que não conhecemos e com quem imaginamos ter uma proximidade involuntária, mas a rigor unilateral. Foi assim que Tiago Santana se sentou à mesa com Robert Delpire e também com todos os outros fotógrafos que povoaram as últimas décadas da história da fotografia. Inclui um silencioso Josef Koudelka.

SD: Essa percepção do tempo, de um tempo menos aflito e sem pressa, veio do sertão?

Tiago Santana: Sem dúvida nenhuma. O tempo do Sertão é outro! Usar um equipamento analógico e com as limitações de fotogramas (quatro por filme) foi o processo que mais me aproximou desse tempo do Sertão. É uma tentativa de me adequar a esse tempo e me distanciar do tempo imediato de hoje, desse tempo das mídias digitais, das redes sociais, onde o que mais importa é a rapidez com que se difunde uma imagem, em detrimento da reflexão sobre que imagens estamos produzindo hoje. O sertão possibilita o tempo fundamental da contemplação do espaço e do outro (Imagem 11).

SD: *Benditos* é um trabalho sobre a fé, sobre a relação das pessoas com a religiosidade que aparece na peregrinação, no apego a símbolos religiosos, nos gestos. *No chão de Graciliano* já é um livro sobre a relação das pessoas com o meio em volta e ali já aparecem algumas fotos realizadas com a panorâmica. Foi a panorâmica que originou esse olhar que une pessoas e



Os rostos estão escondidos, mas falam o papagaio, a planta na lata, a lata à janela, o padre Cícero lá dentro da casa, o olhar da senhora lá longe da casa, o chapéu e a sanfona subentendidos. Tiago Santana enquadra fracionando para fazer falar as partes combinadas.

cenário em uma unidade de fragmentos ou foi a obra de Graciliano Ramos que te sugeriu essa assimilação do ambiente?

Tiago Santana: Foram as duas coisas. Usar a câmera permitiu ampliar o espaço, incluir mais a paisagem e ao mesmo tempo ampliar também a cena, fragmentá-la até mais. E além disso tem a obra do Graciliano, que é pautada no homem, mas a paisagem também é importante. Quando resolvi fazer essa documentação, fiz a partir de um entendimento de que aquele universo dele existe ainda hoje. Parece que estão ali os mesmos personagens, a mesma cachorra Baleia, todos os elementos. Hoje o sertão tem mudado muito também, existem referências da modernidade, por exemplo, as parabólicas, a moto que substitui o cavalo. Mas naquele momento o meu olhar deu um recorte muito específico, é como seu estivesse vendo ali, abstraindo esses elementos da modernidade que não estavam presentes, eu me concentrei em elementos que ainda eram iguais, os personagens eram os mesmos, o sentimento era o mesmo, a paisagem...

SD: Como foi que você começou a olhar e ver a paisagem?

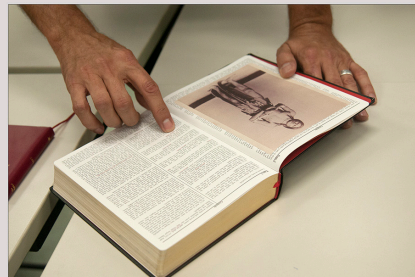
Tiago Santana: A paisagem que me interessa é a paisagem humana. Na minha fotografia é raro encontrar uma paisagem sem que tenha alguém, um personagem. Claro que a paisagem do sertão é muito significativa e de uma força e presença intensa. Mas o que me move a fotografar é a relação dos homens com essa paisagem, e não a simples contemplação da paisagem em si. O que dá força à paisagem são esses homens e mulheres que nela habitam, e que na convivência diária com a dureza desse lugar, nos ensinam a reinventar a vida e a encontrar solução cheias de sabedoria, de simplicidade, de alegria, de leveza, de luz. Me emociono muito com esses encontros e aprendo muito nesse processo.

SD: Por outro lado, tem algo a mais nas fotos que vai além do Graciliano Ramos e parece ser mais uma contribuição sua, um afeto entre as pessoas, ou das crianças com os animais, tem sempre um gesto, um afago...

Tiago Santana: Tem duas coisas nesse processo de documentação de um lugar, na verdade no sertão é muito presente, uma é a criança e a outra é o animal. E a relação do homem e da criança com os animais; eles são praticamente membros da família. Tem uma foto *No chão de Graciliano* em que tem um burrinho que está praticamente dentro da casa, com a cabeça entrando e um meninozinho na janela pegando nele.

SD: Tem outra das vacas entrando, tem galinhas também...

Tiago Santana: Naquela das vacas, a comida ficava dentro da sala então ela entrava para comer. Tem uma foto também que é muito emblemática da relação do homem e da criança com o animal: é aquela em que o menino está deitado, ele quase se confunde com o jumentinho. Para mim aquilo simboliza não só essa relação, mas a delicadeza dessa relação porque é muito íntimo, aquilo faz parte de toda vida cotidiana. Então é inevitável ter as crianças e os animais nesse trabalho. E um dos livros que foi um livro de cabeceira nesse projeto foi um livro do Graciliano chamado *Infância* (Imagem 12), em que justamente ele fala da infância dele em



O livro *Infância* marcou Tiago Santana por causa do interesse do Graciliano Ramos pela relações humanas e pelo rigor cirúrgico dele: "O que poderia ser dito em uma lauda, ele diz em um parágrafo, ou o que se diria em um parágrafo, ele diz em uma frase. A fotografia é isso, sintetizar a coisa complexa com uma ou duas imagens."

Adam Broomberg e Oliver Chanarin fizeram uma adaptação ilustrada da bíblia em *The Holy Bible*, que une fotografias combinadas a trechos sublinhados do texto original. Os autores remetem, assim, a violência implícita na bíblia à afinidade da fotografia com o poder, o sofrimento e a vida cotidiana. O ato de selecionar fotografias e frases foi usado para, com um corte cirúrgico, revelar a ansia pelo controle presente na bíblia associada à vida de todo dia corroborada pela história da fotografia. Assim como fotografar e escrever, editar também pode ser um exercício de selecionar para testemunhar.

Buíque, no sertão de Pernambuco, contado a partir do ponto de vista da criança.

SD: Às vezes, nos seus enquadramentos, as pessoas se confundem com as imagens religiosas em volta, a composição leva a uma equivalência entre as pessoas e essas imagens (Imagem 13). Tem também reflexos no espelho, sombras e rostos que se confundem com as imagens dos santos. Seriam as pessoas reais, que aparecem em tantos duplos, a religião possível que suas imagens procuram criar?



Véus, velas, flores, santos, crucifixos, mãos estendidas em prece – muitos fragmentos surgem em *Beneditos*, livro de Tiago Santana que registra a romaria a Juazeiro do Norte, no Ceará. Assim como tudo em volta captado em movimento, também a câmera participa desse transe seja enquadrando apenas partes das coisas e pessoas, seja vendo-as de cima pra baixo ou de baixo pra cima para acentuar a flutuação geral. Nesse cenário, as pessoas viram vultos, silhuetas, borrões, fragmentos de corpos. Nada é inteiramente mostrado, muito é apenas insinuado como se o que houvesse a ser dito pertencesse à ordem daquilo que só não pode ser inteiramente apreendido.

Tiago Santana: Eu acho interessante essa leitura. Tem uma coisa especificamente em Juazeiro, é que o Padre Cícero, na realidade nem é um santo oficial da Igreja Católica, agora tem um movimento, mas quando ele morreu estava impossibilitado de rezar missa por não ser reconhecido como Santo que fez milagres, pelo contrário, a Igreja Católica foi muito dura com ele no final. Não estou aqui questionando se isso é certo ou errado, mas o que faz com que as pessoas se confundam com o universo do santo é que o padre Cícero não é um santo que vem de Portugal, da Itália. Aqui temos poucos santos, e o Padre Cícero é um santo muito próximo, recente, contemporâneo, o padrinho, ou *padinho*, um segundo pai, uma coisa muito quente e próxima do nordestino. É como se fosse algum parente, alguém muito próximo, então de certa forma as pessoas se confundem. No Juazeiro, nessa região, a maioria das crianças nascidas em uma determinada época se chamou Cícero, tem muitos Cíceros, então essa mistura de pessoas e santos é como se uma coisa estivesse muito ligada a outra muito intimamente.

SD: Você, que inicialmente se dedicou ao tema religioso, tem fé?

Tiago Santana: Eu tenho fé em muitas coisas (risos). Obviamente sou de uma família católica, fui batizado e tal. Não sou um praticante, mas quando eu vejo milhares de pessoas dentro de uma igreja com o Padre Cícero, aquela energia toda voltada para um desejo... Eu me lembro bem que tem uma hora que se diz [ele cantarola] “A nós descei divina luz...” – parece que o negócio vai descer ali! Acho importante a fé em algo, que pode ser também em outras religiões. Uma energia voltada para um desejo tem que ser respeitada, independente do santo ou da religião, eu acredito nessa força. E mais ainda se pensamos no caso da Igreja Católica, em uma determinada visão que não é exatamente a visão do Padre Cícero, de que o Cristo é considerado como alguém transgressor ou transformador. Então acho que nas religiões podem ser encontradas coisas interessantes e transformadoras.

SD: Apesar dessa religiosidade difusa que aparece mesmo quando o tema não é religião, tem também nas suas fotos um forte apelo à materialidade, com texturas diferentes, um primeiro plano muito próximo e corpos fragmentados que intensificam a presença das coisas. A sua fotografia sugere também uma experiência física do mundo bastante presente. Você acha que isso está relacionado com a sua insistência em trabalhar com o analógico?

Tiago Santana: Tem duas questões aí que são importantes: primeiro a minha necessidade de ir ao encontro do outro, estar próximo, muitas vezes até estar próximo demais, sentir o cheiro. E acho que isso se reflete nas imagens, nos planos, nas texturas, sensações, às vezes a pele, eu acho que isso é muito presente. Já o analógico tem essa coisa que você pode tocar, pegar.

SD: Você não fotografa nunca com o digital?

Tiago Santana: Eu tenho digital, fotografo, mas não para os meus trabalhos pessoais. Eu uso como um caderno de anotações, faço imagens para pensar, refletir, fazer depois no analógico porque tenho esse desejo da materialidade (Imagem 14). Não tenho nada contra o digital, mas no meu processo de construção é fundamental o tempo, a materialidade, um certo respeito ao tempo do lugar. Talvez se eu for fazer um trabalho em uma grande metrópole, isso não faça sentido. Mas um trabalho feito no sertão, é como se o analógico, ainda mais levado ao extremo ao usar uma câmera panorâmica que só faz quatro fotos com um filme, eu acho que é um pouco entender e respeitar o tempo daquele lugar.



"A experiência de um livro é difícil de você ter em um pdf ou em um iPad. O livro tem cheiro, tem sensações."

SD: Você tem uma experiência de recriar o local que você fotografou no espaço da exposição. Como você tem feito para produzir essa experiência diferenciada da fotografia nas suas exposições?

Tiago Santana: Eu tive o privilégio de já no meu primeiro trabalho passar por todas as etapas desde a ideia até o resultado final, que é um livro ou a exposição. Eu acho que a gente fotografa para passar essa nossa experiência de vida ou de encontro e de alguma forma poder compartilhar com o outro. Eu acho que ao expor, que é uma forma de compartilhar, você tem que ir buscar elementos condizentes com o trabalho e que possam potencializar essa experiência. É como se a fotografia não desse conta dessa experiência por si só. Na maioria das vezes a experiência é muito maior que o resultado, então eu tenho feito isso. Eu na verdade fiz poucas exposições com esse processo, até porque precisa de reflexões, as coisas não são feitas assim tão rápido. Eu acho isso importante no livro como experiência narrativa, mas também na exposição onde envolve iluminação, textura, cor, uma série de coisas, sensações, som.

SD: Em Juazeiro foram usadas redes e velas, na exposição do ensaio *Benditos*, o labirinto e a música foram os recursos utilizados. Hoje vemos cada vez mais o uso de diversos recursos nas exposições de fotografia. Ela teria se tornado uma linguagem insuficiente para uma experiência contemporânea da imagem?

Tiago Santana: A fotografia é uma tentativa de dar conta da potência dos encontros com o outro. Esses encontros são tão intensos que a fotografia muitas vezes não consegue traduzir na mesma dimensão. Às vezes chegamos bem perto de produzir imagens fortes que traduzam um pouco dessas nossas experiências. Não acho que a fotografia precise necessariamente de outros elementos que complementem esse discurso. Acho que ela fala por si só. O que fiz em *Benditos* e *No Chão de Graciliano* foi, de forma muito simples, criar um espaço mais íntimo para a observação dessas imagens (Imagem 15). Muitas vezes o espaço expositivo



Na exposição de *Benditos*, Tiago Santana usou tecidos translúcidos e fotos que se confundiam, nas palavras dele, "...como se você entrasse na paisagem". Ele não pareceu totalmente satisfeito com o resultado: "Eu queria ter criado um labirinto maior de sensações." E comenta que o tecido usado lembrava os tecidos da estufa de flores do seu pai, engenheiro antes especialista em cerâmica e depois especialista no semi-árido até se interessar pelo cultivo de flores. O labirinto de tecidos começava, de fato, de um ponto bem mais remoto do que o espaço da exposição.

interfere muito na leitura do trabalho. Por isso tentei, nesses dois casos, criar um ambiente onde essa experiência do observador pudesse ser mais intensa. Sem a frieza asséptica dos espaços expositivos. Usando, por exemplo, os sons do lugar que amplificam as percepções e possibilitam uma leitura mais forte do trabalho. Mas é preciso ter muito cuidado. Essas experiências muitas vezes podem não funcionar. Não se pode trabalhar simplesmente por uma necessidade de usar outros elementos ou recursos expositivos gratuitamente, o que é muito comum quando se observa hoje em alguns trabalhos de “fotografia contemporânea”. O essencial é a imagem e sua força. O que pode ser acrescentado na leitura do trabalho exposto é uma decisão que tem que ser muito pensada e amadurecida, para que não se sobreponha ao verdadeiro sentido da criação da imagem fotográfica.

SD: Já faz alguns anos que você está trabalhando com a sua própria editora de livros de fotografia, a Tempo d’Imagens. Como você sente esse mercado de livro de fotografia no Brasil?

Tiago Santana: Ainda é um mercado difícil. Existe uma demanda reprimida de autores, projetos de fotógrafos importantes que ainda não tiveram um livro até hoje. Imagina como era quando a gente começou há quase vinte anos. *Benditos* tem dezesseis anos. Eu tive o privilégio de ter o meu primeiro trabalho publicado em livro. Era uma época em que pouquíssimos fotógrafos tinham um livro. A necessidade de criar a editora foi para suprir um pouco isso. Primeiro porque a minha formação toda foi pelos livros, na minha experiência familiar a minha casa sempre teve uma biblioteca, meu avô era um intelectual que tinha uma biblioteca fantástica em casa. Tem até aquela história do labirinto de estantes e no meio ficava o *bureau* dele. O livro foi então muito importante. E tem ainda uma militância, a vontade de viabilizar projetos não só meus, mas de outros fotógrafos também. E é o que temos feito, embora nem tanto como gostaríamos. Temos muitos projetos na gaveta que ficamos tentando tirar, então existe uma infinidade de autores importantes que achamos que deveriam ter seu trabalho publicado porque é o livro que vai ficar para gerações futuras, para as bibliotecas. Então eu acredito na força e na potência do livro (Imagem 16).



Tirando o “S” de Spain (Espanha), sobra Pain (Dor). O livro *Pain*, de Toni Amengual, traz 120 fotografias tiradas com o celular nas ruas da Espanha. A intensidade das cores da bandeira da Espanha contrasta com o rostos sombrios e tensos da população em época de desemprego e crise econômica. Abordar o livro não é aqui um gesto delicado de virar páginas com a ponta dos dedos: em *Pain*, elas precisam ser rasgadas para serem vistas.

SD: Você distribuiu seu livro para as pessoas de onde você fotografou?

Tiago Santana: Olha, eu tenho um grande prazer de fazer isso quando eu posso. Obviamente tem situações em que isso não é possível por várias razões. Nas romarias você cruza com pessoas que provavelmente nunca mais vai ver. Mas quando é possível fazer isso, eu faço questão que as pessoas olhem e ficamos comentando aquela visão sobre eles.

SD: Com *Benditos* você fez uma exposição lá, não foi?

Tiago Santana: Eu fiz uma exposição não só em Fortaleza, como fiz questão de fazer no lugar. Foi muito intenso, virou quase um lugar de romaria. As pessoas se reconheciam nas fotos. Às vezes se reconheciam em fotos tremidas que eu nem tenho certeza se eram elas, mas para elas eram, então acabei dando o livro. É quase como se fosse a minha promessa, já que Juazeiro é um lugar de promessas, de pedidos, de agradecimentos e tal, onde os ex-votos estão presentes, o meu ex-voto era um livro. Se eu pudesse levar para uma sala de milagres, eu levaria um livro e colocaria lá. Aliás não coloquei, deveria colocar, vou fazer isso.

SD: O seu ensaio publicado em livro mais recente foi sobre o Luís Gonzaga. Como você resolveu o desafio de unir música e fotografia?

Tiago Santana: Eu acabei sem querer, nunca é sem querer, eu fiz um tipo de trilogia. Eu fiz um livro em que eu parti da experiência visual, que foi o *Benditos*, com toda a questão do impacto visual que é a cidade de Juazeiro do Norte com a romaria; fiz um livro a partir da palavra, que são as palavras que Graciliano usou sobre aquele mesmo lugar, que eu fico interpretando com imagens e no Luiz Gonzaga eu fiz a partir do som que também é muito peculiar, muito presente, os sons que estão naquele lugar, e um dos ícones desse som é o Luiz Gonzaga que também contava a história daquele lugar assim como as fotos. Foi quase que uma coisa natural. Não é que eu planejei os projetos um a um, cada um deles foi acontecendo de forma bem diferente. Claro que um leva ao outro. O Graciliano aconteceu por causa de um convite a partir de *Benditos*. E no fundo no fundo está tratando do mesmo lugar. É como se todos os três fossem em projeto só.

SD: Então no caso do Luiz Gonzaga você então pensou mais nas letras do que no som...

Tiago Santana: Nas letras e no som também. A palavra como som, palavra cantada, porque tem a força da letra, mas tem a força da música.

SD: Mas como a música transparece na fotografia?

Tiago Santana: Ela é inspiradora, por isso utilizo nas minhas projeções a música. A música cria atmosfera. A do Luiz Gonzaga cria a atmosfera do sertão, como outras músicas do Nordeste, não é só a dele. Tem a banda de pífanos e as bandas cabaçais que não têm palavras, são só sons. Eu usei o Luiz Gonzaga por uma relação também dele com o meu lugar. O Luiz Gonzaga é praticamente cearense. Exu, a cidade de nascimento dele onde eu pautei o trabalho fica na fronteira com o Ceará, a poucos quilômetros do Crato, que é onde eu nasci. Quando o Luiz Gonzaga era criança, a mãe dele ia fazer feira em Crato, que era a cidade de referência, hoje já mudou muito. O Cariri, fica no limite. Tanto é que a população do sul do Ceará fala com um sotaque mais pernambucano. O Luiz Gonzaga tinha uma relação com o Juazeiro, com o Padre Cícero, com o Patativa, ele fazia parte disso apesar de ser pernambucano.

SD: Tem até uma entrevista do Eugene Smith em que ele comenta muito sobre a música e em um momento ele diz sobre a fotografia dele: “eu aprendi tudo com Bethoven”.

Tiago Santana: O Cartier Bresson também faz uma relação da partitura com o negativo. A música sempre esteve presente por exemplo no laboratório de fotografia onde eu sempre usei para me inspirar; também nas noites visuais em que a gente projetava, alguém lembrou aqui dos cromoclique – eram cliques da imagem a partir do cromo, em que a gente usava sons.

SD: De uma maneira geral, como você vê a produção da fotografia brasileira? O que se destaca e quais são os desafios?

Tiago Santana: Acho que temos uma produção brasileira muito rica e plural. Cada vez com mais liberdade e intensidade. Muitos jovens fotógrafos e autores já com uma trajetória, dialogam de uma forma muito interessante. Há muita liberdade na produção. Os festivais de fotografia são uma vitrine para se observar e acompanhar essa produção.

Acho que falta mais reflexão e crítica. Não se pode crescer na produção se não se discute e não se analisa o que produzimos. A academia tem um papel muito importante nesse processo. Já avançamos muito nas últimas duas décadas. Muitos novos curadores e fotógrafos saídos da

academia estão dando uma ótima contribuição. Acho que esse é o desafio. Para além da difusão da nossa produção aqui no Brasil e fora do país, a reflexão se faz necessária. Só crescemos nesse processo se formos capazes de aprender com as críticas e as reflexões externas ao nosso olhar.

SD: Você tem algum projeto em andamento?

Tiago Santana: Eu tenho muitos projetos em andamento. Estou fazendo cinquenta anos e faço um trabalho para rever tudo que produzi ao longo das últimas três décadas. Sempre trabalhei com projetos muito específicos, com começo, meio e fim. Ao longo disso, eu fui fazendo vários outros ensaios fotográficos ou imagens soltas que foram ficando nas gavetas. Agora faço um projeto para rever todo esses guardados, tudo que é incompleto. A partir de uma obra incompleta, de um autor incompleto, de uma vida incompleta que espero que eu ainda tenha muito tempo para produzir, de uma fotografia incompleta que é uma fotografia em que falta alguma coisa e faz com que quem olha queira completar, queira entender e transformar, enfim, todas essas incompletudes que podem ser fotos em Brasília, no sertão, em Nova Iorque, em Moscou, no México, não importa, nos vários lugares onde eu já estive. O sentido que vai criar essa narrativa terá que vir dessa relação do homem, que é o fundamental no meu trabalho, e fragmentos que possam encontrar uma maneira de *linkar* isso (Imagem 17).



Os olhos de um jumento continuam no focinho de outro. Assim como nas fotografias de Tiago Santana os corpos dosromeiros se misturam com os dos santos e os vaqueiros são enquadrados para se confundirem com os cavalos e as nuvens, as pessoas aparecem em simbiose com os animais. Na movimentação geral das imagens nos seus livros, tem também muitas pessoas paradas. Suspensas, elas fitam o vazio. A imobilidade, porém, é mera ilusão: elas estão ocupadas em ser como as pedras, a paisagem árida, as paredes ásperas, os objetos do sertão, e ainda os seres vivos em volta, sejam eles plantas, animais ou humanos. A câmera às vezes flagra essa dissolução.

SD: Parece que você está descrevendo o seu próprio enquadramento porque você junta partes inusitadas em um enquadramento só.

Tiago Santana: Eu acho que é isso. Eu chamo de incompletudes, mas é um processo de experiência, eu tenho o desejo e o processo como eu vou fazer, mas o resultado é muito imprevisível (Imagem 18).

SD: Você também tem um projeto de um centro cultural, não é mesmo?

Tiago Santana: Esse projeto tem a ver com esse outro. Para fazer esse projeto eu precisava de um espaço em que ele pudesse ser desenvolvido. Eu aluguei então e estou transformando esse espaço que era um antigo hotel. É um lugar com que eu tenho uma relação de afeto na cidade, é um lugar muito interessante e que, engraçado, se chamava Hotel Lux. O nome Lux tem a ver com imagem, com luz. A ideia é transformar o espaço para abrigar o arquivo e todo o processo que vou produzir a partir desse arquivo e que eu pudesse compartilhar com outros, com amigos, fotógrafos, pessoas de várias áreas, acadêmica, técnica, pessoas que colaboraram muito ao longo do meu percurso, pessoas para quem eu pudesse abrir meu processo de trabalho para que me ajudem e ao mesmo tempo eu aprenda junto com elas. Então eu queria criar uma espécie de bolsa para jovens, vão ter quartos para residência, o próprio espaço vai se transformando arquitetonicamente e ao



"Estou recuperando arquivos para um projeto que deve se chamar Incompletudes, como se pegasse vários fragmentos e tentasse dar corpo a eles." Ecos desse projeto podem estar no livro *Estada*, sobre uma rua de Montevideu fotografada por oito fotógrafos. Com duas lombadas, o livro acima pode ser folheado de forma a criar narrativas diversas. *Marrakech*, de Daido Moriyama, também podia ter duas séries de fotos folheadas separadamente. O labirinto maior de sensações que T. Santana buscava na exposição *Benditos* germina nesses livros que propõem narrativas mais vagas e complexas, apresentadas em uma vertigem de imagens. Em um labirinto possível, os livros vistos no passado podem se metamorfosear em projetos futuros.

mesmo tempo a obra vai sendo criada (Imagem 19). O próprio espaço no final se transforma na exposição, todas as etapas seriam produzidas dentro do espaço. É como se eu tivesse um centro cultural ou a galeria um ano, um ano e meio antes do resultado, à disposição para experimentar, para criar. Então é um projeto de alguma forma complexo, ousado, mas acho que pode ser muito rico e depois esse lugar pode vir a ser um local para outros projetos de autores que também possam compartilhar a experiência com o outro (Imagem 20). Acho que é quase uma militância, como se eu tivesse devolvendo um pouco tudo o que eu aprendi, compartilhando com o outro para que as novas gerações possam também aproveitar disso.



"A Cláudia Andujar diz que mesmo quando você morre a obra continua em processo, vai depender dos sentidos que derem pra ela. Eu acho importante esse estado eterno de transformação."



Ao falar de um projeto atual, Tiago Santana contou que partiu de uma frase vista em um cemitério: "descanso eterno dai-me Senhor, a luz perpétua e o resplendor." Ele conta que tem fotografado muito e está tentando descobrir o que é essa luz perpétua e o resplendor. Antes, ao falar de fé, tinha cantado em um canto da igreja: "A nós descei divina luz..." O fotógrafo de cenas apenas sugeridas com fragmentos, sombras, reflexos e silhuetas procura uma Luz, que está também no nome do antigo hotel que alugou. Talvez ela tenha aparecido naquela party - uma comunhão em torno de fotos e livros.